

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

168

INSCRIÇÕES 651-653



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FRAGMENTO DE ARA DE CARNIDE, LISBOA
(*Conventus Scallabitanus*)

No início de 2012, o signatário Pedro Santos identificou a parte inferior de uma ara de época romana num local que foi alvo de profundos revolvimentos de terras aquando das obras de construção do Centro Comercial Colombo, em Lisboa. Especificamente, o achado deu-se na berma da via de uma das saídas para sul do hipermercado Continente do referido centro comercial, via essa de acesso ao túnel que leva ao estádio do Sport Lisboa e Benfica e que passa por baixo da Segunda Circular. O fragmento de ara estava parcialmente enterrado em posição invertida, junto ao muro separador direito que sustenta a encosta do pequeno viaduto que dá acesso superiormente à Segunda Circular no sentido Lisboa/Sintra. Quase um mês depois, o referido signatário recolheu a peça para salvaguarda, tendo posteriormente constatado a sua importância arqueológica, que confirmou junto do Prof. Amílcar Guerra, em Outubro de 2013. Em Junho de 2015, depositou a peça no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, onde presentemente se encontra.

Trata-se da parte inferior de uma ara de lioz rósea, em que os vestígios epigráficos se reduzem a parte de duas letras da última linha, certamente abreviaturas da fórmula votiva final. Seria originalmente um trabalho de muito boa qualidade

técnica, a julgar pelo talhe do monumento e destreza de gravação das letras e interpunção decorativa. A superfície conservada está em bom estado, com pouco desgaste. No entanto, é notório que a fractura que a separou do resto do monumento é antiga.

O que subsiste da inscrição é o seguinte:

[--- V(*otum*)] / S(*oluit*) · A(*nimo*) · [L(*ibens*)] //

« (... o voto) cumpriu de livre vontade. »

Dimensões máximas: 28,5 (alt.) x 28 (larg.) x 22 (esp.)

A altura das letras seria de cerca de 3 cm; distância entre as letras, 5 cm. Apresenta uma gola reversa de 5,5 cm de altura e crépido de cerca de 10 cm. Neste, junto à base, tem no lado esquerdo e no direito entalhes em forma de cauda-de-andorinha, destinados à fixação da ara com grampos metálicos numa superfície de apoio em pedra, o que parece indicar que a peça estaria num templo ou, talvez mais provavelmente, numa edícula. Estes encaixes apresentam como medidas: 5 cm de largura máxima; 3,5 cm de largura mínima; 4,5 cm de altura. O do lado direito de quem observa o campo epigráfico está fracturado.

A face inferior da peça é lisa; porém, há uma faixa de superfície mais regularizada ao longo do perímetro, com largura de cerca de 5-6 cm, enquadrando uma zona rectangular interior mais rugosa.

Cerca de 3,5 cm acima da moldura existe uma incisão horizontal recente, à volta de toda a peça, que afecta o que resta das letras. Esta escoriação foi preenchida no laboratório de restauro do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, não se pretendendo porém que ficasse completamente apagada.

A interpunção tem a forma de V achatado com braços curvos. É muito possível que apenas os *puncti distinguentes* da última linha fossem assim, rematando a epígrafe com um toque decorativo. No limite da superfície preservada do campo epigráfico são visíveis, entre o A e o presumível L que

se seguiria, ténues vestígios de uma segunda interpunção, certamente igual à que se conserva.

Próximo do local de achamento foi recentemente descoberta a parte superior de um monumento da mesma tipologia com dimensões compatíveis¹. Estes dois fragmentos não terão, porém, integrado a mesma peça, apesar da coincidência, uma vez que o texto restante no ora tratado aponta para uma inscrição votiva, enquanto o do outro é de cariz funerário. Vai-se reforçando assim a noção da relevância do local em época romana, uma vez que também muito próxima está a Travessa do Pregoeiro, de onde recentemente foi retirada uma *cupa* que servia como frade de protecção do cunhal de um prédio. Outra *cupa*, com idêntica função, permanece em esquina próxima².

PEDRO SANTOS
RICARDO CAMPOS

¹ FABIAN CUESTA-GÓMEZ (J.) e PRATA (Sara), Uma ara romana recuperada em Carnide, Lisboa. *FE* 148, 601.

² CARDOSO (Guilherme); GONZALEZ (António) (2008), Duas cupas romanas em Carnide (Lisboa). *Al-Madan*. II, 16, p. 6.



651

MARCO ROMANO EM CABANAS DE TORRES
(ALENQUER)
(*Conventus Scallabitanus*)

Em 2012, foram identificadas nas obras de reconstrução de uma azenha, pertença de Leonel Pedro, em Cabanas de Torres, freguesia do concelho de Alenquer, distrito de Lisboa, duas pedras com inscrições. Está a azenha a cerca de 300 metros a oeste do actual cemitério da localidade, com as seguintes coordenadas geográficas: 39° 08' 55.50" N; 9° 03' 57.77" W (WGS84). A notícia deste achamento foi prontamente divulgada, dado o seu interesse, no blogue cabanasetorres.blogspot.com. Entretanto, porém, o proprietário faleceu e resultaram vãs, por enquanto, as diligências efectuadas no sentido de se localizarem as pedras, designadamente para delas se fazer mais acurada descrição; o seu interesse histórico não se compadece com mais delongas, pelo que, mesmo sem alguns elementos, optámos pela sua publicação.

Consultámos o referido blogue às 19.29 h de 29-04-2018. Dele retiramos, com a devida vénia, a FIG. 1, que ali tem a legenda «Uma possível lápide com inscrições em latim encontrada no local...»; assim como a FIG. 2, assim legendada: «Uma coluna com uma inscrição em latim: "...ACINI...NAILONI...", possivelmente uma coluna de uma lápide ou demarcação de alguma propriedade possivelmente romana...». A primeira, de calcário, fracturada em duas, estava colocada como base de apoio do eixo da mó, e ambos os fragmentos foram reaproveitados como ombreiras de janelas da azenha; a outra, romana, que nos vai ocupar mais

detidamente, estava embutida na parede.¹

Houve oportunidade de examinar esta última, que tem parte do que se nos afigura poder ser um epitáfio em língua portuguesa (FIG. 3). O fragmento superior mede 82 x 28/36 x 12; a outra laje, que corresponde à base da estela e já não contém inscrição, apresenta as seguintes dimensões: 81 x 38/42 x 12; portanto, as medidas totais da estela, antes da fractura, seriam: 163 x 28/42 x 12. Lê-se: ENO / SDOC / BRF. Aqui fica o registo.

Quanto à epígrafe romana, a sua localização não nos permitiu descrição nem rigorosa nem completa; contudo, pelo que nos é dado observar (FIG. 4), trata-se de um marco de grauvaque cinzento, rudemente afeiçoado (se, acaso, o chegou a ser).

TANCINI / MAILONIS

De Tancino, (filho) de Melão.

A inscrição foi feita na parte superior do marco, num registo que, como se disse, poderia ter sido afeiçoado para o efeito.

Paginação simples, com alinhamento à esquerda. Caracteres de tamanho regular, não sendo despicienda, por isso, a hipótese de prévia existência de linhas de pauta ora imperceptíveis. Gravação por meio de goiva (o sulco dos caracteres é côncavo), como de uso neste suporte brando. T de barra muito breve, como o é também a do L da linha seguinte; A aberto e com travessão horizontal bem marcado; N inclinado para diante, a acompanhar, de resto, o *ductus* geral da gravação; C em jeito de crescente. Na l. 2, largo nexu MA; O oblongo; o S mal se distingue, porque, devido ao facto de estar mesmo junto à aresta, mais sofreu com a erosão.

À primeira vista, somos tentados a ver na epígrafe a identificação de um defunto, e partir-se-ia do princípio de que se tratava de uma estela funerária a colocar à cabeceira da sepultura. Identifica-se Tancino com o patronímico e nada mais se diz. Tanto *Tancinus* como *Maelo* são comuns e típicos da onomástica

¹ As fotografias que se apresentam foram tiradas ao final da tarde de 19 de Setembro de 2009.

indígena da Lusitânia.² Contudo, o carácter rude do monumento aponta, preferentemente, noutra direcção: o de ser marco delimitativo de propriedade, como que a dizer: «Aqui começa o território que é pertença de Tancino, filho de Melão». Aliás, isso se adiantou logo na informação do blogue, ao opinar-se que poderia ser a «coluna de uma lápide ou demarcação de alguma propriedade possivelmente romana». Confirmamos, portanto.

A antroponímia e a paleografia são características dos primórdios da colonização romana, princípios do século I da nossa era. O facto de estarmos perante um marco justifica que, de futuro, se lance um olhar mais perspicaz sobre o que poderá ter sido a organização territorial, aqui, do *ager Olisiponensis*, em que, por conseguinte, os indígenas continuaram a ver reconhecidos os seus direitos sobre as propriedades (agrárias ou outras) que, por tradição, lhes cabiam. Confirma-se, por outro lado, ter persistido nesta área uma população vincadamente indígena, como já o epitáfio de *Lucretia Doqira* o dera a entender.³

MIGUEL CIPRIANO COSTA

JOSÉ D' ENCARNÇÃO

JORGE NUNES

² Cfr. NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida (Fundación de Estudios Romanos) – Bordéus (Ausonius Éditions), 2003, p. 221-223, mapas 179, 180 e 181 (*Maelo*); p. 313-316, mapa 289 (*Tancinus*).

³ ENCARNÇÃO, José d' e VALE, Cristina, «Epitáfio de *Lucretia Doqira* em Alenquer (*Conventus Scallabitanus*)», *Ficheiro Epigráfico* 92 2011 n° 414. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/20549>



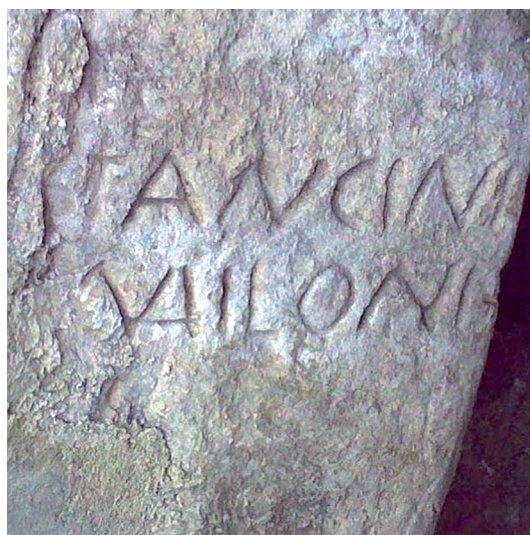
1



2



3



4

652

EPITAFIO DOBLE EN TRUJILLO (CÁCERES)
(*Conventus Emeritensis*)

Procedente de las necrópolis de la romana *Turgalium* se conocen multitud de estelas que con el transcurrir del tiempo sirvieron para levantar los muros de las viviendas y las fortificaciones de la señorial ciudad de Trujillo. Los alrededores de la fortaleza están sembrados de fragmentos de estas piezas reutilizadas en las numerosas cercas.

En FE 647 dábamos a conocer la inscripción reutilizada como dovela en la puerta de una casa de la calle Ballesteros. Todo parece indicar que la pieza que aquí presentamos formaba parte de la misma construcción. Presenta idéntica forma trapezoidal, medidas similares y el mismo desgaste en el lateral izquierdo. La piedra fue también exclaustrada y llevada a la misma vivienda.

Se trata de un fragmento correspondiente a la parte central de una estela de granito gris claro en forma trapezoidal para su reutilización como dovela de un arco. Está rota en la parte superior e inferior y presenta un serio desgaste en lateral izquierdo. La rotura afecta al texto que está incompleto y muy deteriorado.

Dimensiones: (60) x 43 x 12; letras: 5-7.

[-----] / [---]FV(s)C- vel [---T]ANC/[INI] F(ili-)
AN(*norum*) XXX (*triginta*) / [H(*ic*)] S(*it-*) E(*st*)] S(*it*) T(*ibi*) ·
T(*erra*) · L(*ev*is) / [L]IGIREV/⁵[S A]N(*norum*) · XXII (*duo et*
viginti) / [H(*ic*) S(*itus*) E(*st*)] S(*it*) · T(*ibi*) · / T(*erra*) · L(*ev*is)
· / [---] C(*uravit*)

El lapicida hace un pésimo trabajo al grabar el texto y raramente las graffias conservan la verticalidad, pues se inclina unas veces a la derecha y otras a la izquierda. Además hay poca homogeneidad en la altura de las letras y los espacios del interlineado son desiguales. Las letras, con *ductus* irregular y sin bisel, son capitales cuadradas con rasgos rústicos y la interpunción en punto.

Aunque el neto inscrito llega hasta el mismo borde derecho en las primeras líneas, no parece que la piedra esté rota, por lo que suponemos no faltan letras. Otra cosa es el lateral izquierdo, donde los comienzos de líneas se han perdido, faltando al menos dos letras.

L. 1: solo de han conservado las tres letras finales. La primera quizás F, aunque el asta vertical está bastante inclinada; tanto que podría confundirse con una AN ligadas. Remata la línea con una C muy clara.

L. 2: el comienzo de la línea se ha perdido. Un pequeño trazo vertical correspondiente a la parte inferior de un asta vertical, que por el contexto debe ser la F de *filius*, precede a la expresión de la edad. AN va seguramente enlazada, aunque la A no lleva travesaño.

L. 3: aparte de la desaparición de la H de *hic*, se aprecian muy levemente los trazos sinuosos de sendas SS, en medio de las cuales iría la E, que se ha borrado y que junto a la TTL finales, completan la fórmula funeraria.

L. 4: comienza la línea con la parte superior del asta de la I. La pata de la R no llega a tocar el asta vertical y parece enlazar con una E muy difuminada en posición inclinada. La V final conserva nítidamente el asta izquierda y la derecha está casi borrada.

L. 5: Comenzaría la línea con la S final del nombre del segundo difunto, que se ha perdido. Se distinguen las dos

astas finales de la N, que seguramente iría enlazada con la correspondiente A sin travesaño.

L. 6: en esta línea se ha perdido HSE, correspondiente a la primera parte de la fórmula funeraria del segundo difunto.

L. 7: el contexto sugiere la pérdida de un nombre propio del dedicante del epitafio o quizás la relación de parentesco que le unía a los homenajeados. La C final puede corresponder a parte de la fórmula final, *c(uravit)*, que podría ir precedida de la F que la complementaría.

En la inscripción se homenaja a dos difuntos cuya relación familiar no se especifica, aunque el hecho de que el segundo no lleve filiación me lleva a considerar que pueden ser hermanos, por lo que no se creyó oportuno repetir el nombre del progenitor en el segundo difunto. La onomástica y el ambiente onomástico son claramente indígenas, pues los nombres son típicos del área lusitana.

Es posible que el texto comenzara con una dedicatoria a los dioses Manes, como suele ser muy habitual en las inscripciones trujillanas de finales del siglo I y del II d. C. que, como esta, llevan la fórmula funeraria completa.

En la primera línea iría el nombre del primer difunto, que se ha perdido, y cuya filiación aparece en el final de esta línea y comienzo de la siguiente, posiblemente *Fuscinus*. No hay que descartar, como decíamos anteriormente, un enlace AN en esta primera línea que llevaría a considerar *Tancinus* como antropónimo de la filiación. El *cognomen* romano *Fuscinus* está escasamente representado en la epigrafía cacereña y sus testimonios se reducen a cuatro casos procedentes de las localidades de Coria¹, San Martín de Trevejo (*CILCC* IV, n.º 1286) y Valdefuentes²; además de un caso más con sonora, y también con la pérdida de la S, hallado en la cercana localidad de Abertura³. Mucho más extendido en Lusitania

¹ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres IV. Caucium* [*CILCC* IV], Cáceres, 2013, n.º 1190 y 1203.

² ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres I. Norba*, Cáceres, 2007, n.º 370.

³ ESTEBAN ORTEGA (Julio), *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II. Turgalium* (*CILCC* II), Cáceres, 2012, n.º 424.

está el antropónimo *Tancinus*, especialmente abundante en la provincia de Cáceres, donde los testimonios epigráficos se aproximan al medio centenar.

El antropónimo del segundo difunto, que va sin filiación, parece ser *Ligirus* o más probablemente *Ligireus*, si tenemos en cuenta el nexa RE. La E parece evidente y no creemos que pueda tratarse de simples arañosos; por otra parte la separación entre R y V es lo suficientemente amplia como para no considerar la falta de una letra. *Ligireus* sería un *unicum*, pues no hemos encontrado testimonios de este antropónimo entre los listados onomásticos consultados. Tampoco *Ligirus* es un antropónimo que esté muy generalizado, pues solamente se conocen, que sepamos, cinco inscripciones con este nombre, de las cuales cuatro proceden de tierras burgalesas⁴ y una de la localidad de Zorita (*CILCC* II, 899), el único caso conocido hasta la fecha en la epigrafía cacereña.

Por la fórmula funeraria completa se fecharía a finales del siglo I o en el II d. C.

JULIO ESTEBAN ORTEGA

⁴ *HEp* 2, 1990, 153; *HEp* 10, 2000, 85 y 103; MARTÍNEZ BURGOS (Matías): “Museo Arqueológico de Burgos”, *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales* II, 1941, nº 3.



653